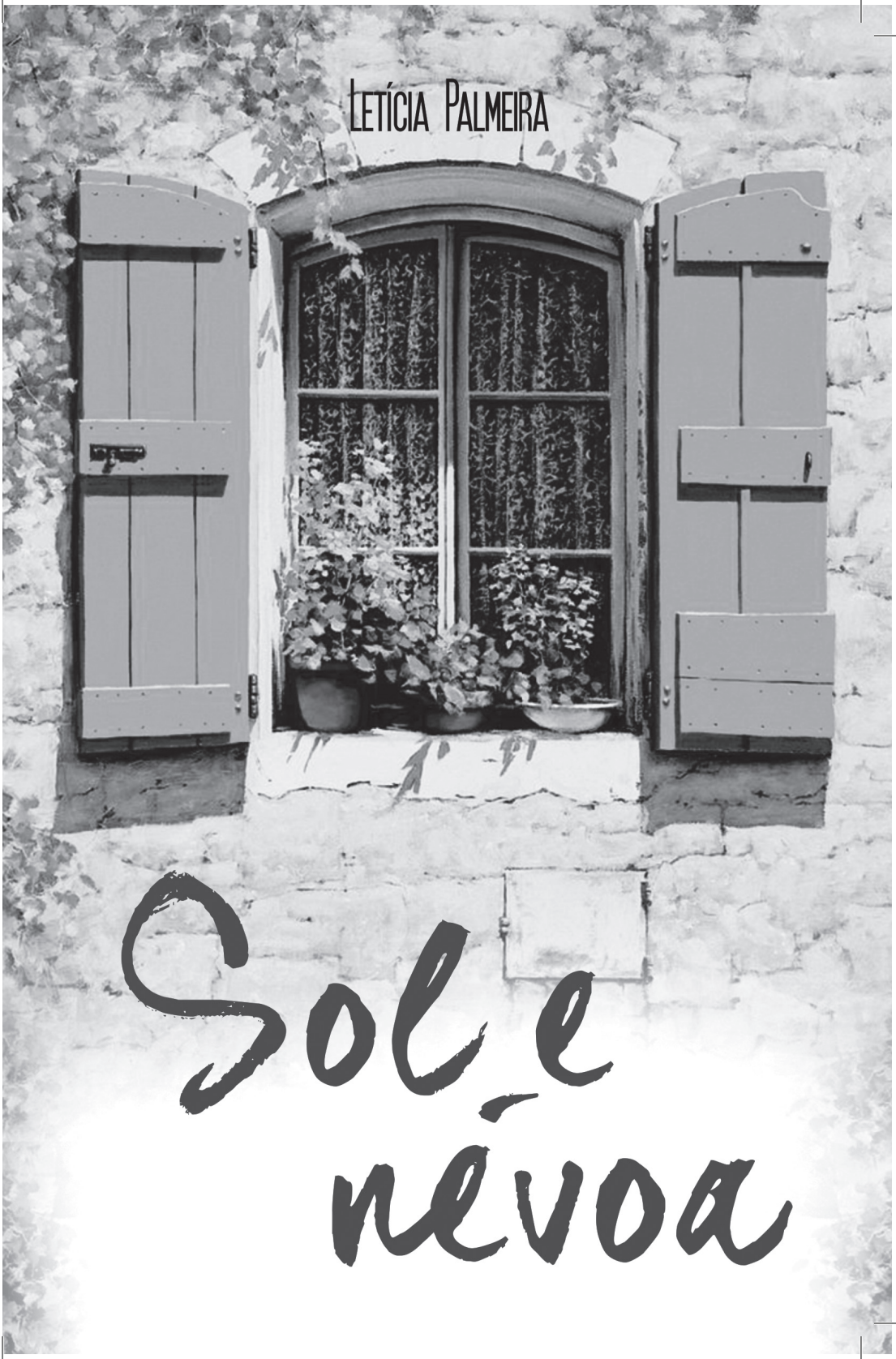

Letícia Palmeira

Sol e névoa

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Zélia Palmeira e Thiago Costa

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P172s PALMEIRA, LETÍCIA 1976 -
SOL E NÉVOA / LETÍCIA PALMEIRA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

146 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-105-0

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1.

Abriu os olhos. Som de criança correndo. Risadas. Há tempos não ouvia sons tão comuns e singulares. Virou-se na cama e o despertador alertava oito horas da manhã. Mas cadê o sol?, pensou. Neste instante, no quarto de paredes rosadas e antigas, ao bater uma única vez na porta, entra Juliana. Sorriso de ponta a ponta. Bom dia, ela anuncia. E abre os braços para um abraço imenso. Lívia, ainda na cama, sorri e esconde o rosto sob o travesseiro.

— Juliana, sequer lavei o rosto.

Ela diz, escondendo-se cada vez mais sob as cobertas.

— E desde quando isto é empecilho para nós, prima? Levante e me abrace. Deixe-me olhar você.

Juliana era a mesma. Sorridente e amalucada. Sempre pronta para contar algo de bom. Sempre de cara aberta. O tempo não descascou sua alegria juvenil. Lívia se levantou. Sabia que não adiantaria lutar contra a prima. E também queria um abraço. Sentia tanta saudade da prima e só

agora percebia o quanto. As duas se abraçaram e Juliana rodopiou Lívia pelo quarto. Riam em gargalhadas.

— Deixa eu te olhar.

Juliana falou como se fosse uma mãe orgulhosa de um filho.

— Você está linda, prima! Mudou nada. Aliás, mudou. Seu cabelo ficou mais escuro.

Lívia sorriu e respondeu:

— Tintura, prima. Que você esperava? Estou pra lá de trinta, babe.

Juliana se apressou, dizendo que Lívia estava perfeita com aquele corte de cabelo.

— Na última foto que vi, você estava com o cabelo longo. Eu não quis dizer nada para não chatear. Mas achei super Madalena sua cara.

Mais risadas.

— Sua sacana. Devia ter me avisado. Vai ver que foi por isso que minha vida desandou.

Juliana fez um gesto com a mão para interromper Lívia de continuar sua fala.

— Espera! É momento lamúria? Então, merece música.

Ela correu para o canto do quarto e ligou o som. Tão antigo. Toca-discos. Pegou um vinil e tentou esconder a capa.

— Esta vai combinar com nosso drama.

Lívia sorria, admirando a prima louca e engraçada.

O primeiro acorde anunciou: John Denver.

— Não acredito, Juliana. Logo esta?

— Vamos cantar, prima.

Juliana falou, já dançando lento a balada.

As duas mulheres começaram a cantar. A cada verso, um sorriso, um ensaio de alguma lágrima. Afinal de contas, a música era tão piegas quanto bonita. Valia a pena ser cantada.

So kiss me and smile for me
Tell me that you'll wait for me
Hold me like you'll never let me go
'cause I'm leaving on a Jet Plane
Don't know when I'll be back again
Oh, babe I hate to go

O refrão é a melhor parte. Juliana cantou a plenos pulmões. Lívia preferia o início. Cantaram juntas feito meninas. Colegiais histéricas. Quando a canção chegou ao fim, Juliana disse:

— Vai contar seu drama agora ou vai esperar que a gente chegue a Ribeiro das Caldas?

E completou:

— Seu drama é meu drama, madame.

Lívia fez como se interpretasse atriz de cinema. Sentou-se na cama, cruzou as pernas, fingiu fumar um cigarro e disse que amor é droga ilícita.

— Sabe? Amar devia ser proibido.

A prima concordou. Droga que faz a gente criar bagagem. As duas ali, rindo, tentando fazer tudo parecer engraçado. E talvez fosse. Aliás, não era engraçado. Eram duas mulheres fazendo o que se deve fazer a respeito do que se costuma dizer que sai errado. Nada saiu errado.

— Lembra da música, Juliana?

E cantou um trecho:

Tínhamos um plano, você mudou de ideia.

— Embora eu seja velha demais para canções da Legião Urbana, até que me servem.

— Nem me fale, prima.

Juliana, então, convidou Lívia para tomar o café da manhã.

— Vamos tomar café? Você chegou ontem e já era tarde. Minha mãe te recebeu bem?

— Tia Vitória? Uma lady. Sua mãe é uma mãe para mim. Você sabe. Eu não quis incomodar muito. Cheguei, comi um sanduíche, tomei banho e, quando dei por mim, já acordei com você aqui.

— E este bronze? É de São Paulo?

Juliana fez graça do bronzeado de Lívia.

— Não. Passei uns dias na casa de um amigo no Rio. Me fez bem.

— De verdade?

— Fez nada.

Lívia respondeu, fazendo cara de criança de birra.

— Não tenho mais idade para distrações de instante, prima. Sempre me sinto velha demais quando tento fazer algo que já saiu da minha moda. Você entende?

— Mas é claro que sim. Por que você acha que me aposentei dos caras?

— De verdade ou só por um tempo?

Juliana respirou fundo.

— Estou cansada, prima. Você não viu o Eduardo ainda, não é? Ele deve estar lá fora com meu pai. Eu o chamo de menininho. Eu me acostumei a cuidar dele e ser o par dele. Ser mãe mesmo, sabe? Daí que, quando a gente decide ser algo, não consegue ser outra coisa. É isto. Mas é claro que tenho meus tempos de liberdade.

A mulher sorria com malícia. E falou sobre Maurício que era seu marido, mas havia deixado de ser.

— A gente se encontra de vez em quando. É melhor assim. Percebemos que nossa relação só funciona desta forma. Quando ele vem visitar o menininho, a gente se pega pelos cantos.

— Sério?

Lívia estava surpresa. Mas nem tanto. Conhecia Juliana e sabia do que ela era capaz de fazer.

— Mas vocês estão felizes assim?

— A gente se pega, prima. Felicidade são outros quinhentos.

Lívia sorriu como quem entende a expressão da palavra.

— Você já viveu algo assim, Lívia? Digo, viver sem esperar muito em troca?

Lívia se levantou e olhou pela janela, admirando o imenso jardim da casa de seus tios. Casa na qual passara parte de suas férias adolescentes, quando tudo era somente música e nenhuma preocupação. Não sabia exatamente o que responder à Juliana. Mas sabia que havia deixado de viver algo. Havia pulado uma parte de sua vida. E por tanto tempo. Porém, depois das decisões tomadas, não voltaria atrás. Ou talvez voltasse. Mas nunca com os mesmos pés. Seria outra a realidade.

— Nunca pensei em me casar, Ju. E também nunca pensei em me separar. Você lembra que eu costumava dizer que nunca me casaria? Eu era uma chata, não? Uma menina metida que acreditava que tinha o mundo só para si.

Juliana ouvia com atenção. Ouvia como se fossem palavras ditas por ela também. Sempre se entenderam como melhores amigas.

— Percebi uma coisa, Ju. Alguém ainda chama você de Ju?

As duas riram. Juliana fez que sim com a cabeça.

— É, Ju. Aquela velha história de que o amor não acaba é verdadeira. Não acaba mesmo. Amor não muda. A gente é que se transforma. E aquele sentimento tão

perfeito, deixa de caber. Amor é roupa. Mas não veste todo tempo.

Gargalharam. Juliana se entusiasmou e pegou um caderninho para anotar a frase. Falava alto e quase soletrando: **Amor é roupa. Mas não veste todo tempo.**

Depois disto, Lívia tomou uma chuveirada e desceu para o café. Estavam todos à mesa. Todos, exceto um. Ainda nos degraus da escada, olhava a sala de jantar. Tudo no mesmo lugar. A grande mesa de madeira escura, as cortinas nas enormes janelas, a mobília pesada de casa colonial. Flores em vasos por cada canto e parecia até que o mesmo sol de anos atrás irradiava sua luz graciosa pelas portas abertas. Pássaros cantavam ao aroma de família reunida, de bolo quente, feito na hora e café fumegando. Juliana percebeu que Lívia olhava ao redor em busca de algo.

— Mãe, de que horas vem o Bernardo?

— Mais tarde, Juliana.

Vitória respondeu, levantando-se da mesa e dirigindo-se à Lívia para um abraço de bom dia.

— Tão bom ver você, minha sobrinha querida. Estou tão feliz por pensar que iremos passar alguns dias juntas. Aliás, juntos, não é? Quase a família inteira.

— Também estou feliz, tia.

Depois disto, foi só abraço e muitas palavras de saudade e alegria. Romero, o tio de Lívia, ergueu-se solene da mesa, com aquele corpo robusto e rosto avermelhado.

www.leticiapalmeira.blogspot.com.br

leticiapalmeira@gmail.com

/leticia.palmeira